

pressa para atender... Vi a cortina em movimento como se alguém tivesse passado por ela. Desliguei o fogão, apavorada, e corri para o quarto. Deitei-me e comecei a analisar o ocorrido: Por que me virei para atender o Pe. Jonathan, se a última vez em que o vira foi na cidade de B, em 1969? Onde estaria ele, agora? Por que nos desligamos? Por que nos afastamos um do outro?

A última notícia que tive dele foi em julho de 1970, quando me escrevera, falando sobre seu apostolado em B.H. Por que, meu Deus, eu não mais lhe escrevi?

Concluí que o casamento é mesmo uma solidão a dois e que talvez o Padre não me houvesse chamado. Eu estaria, certamente, fraca da cabeça, após o nascimento de Kildary...

Quando Marcinho chegou, contei-lhe o ocorrido e ele também disse que seria um cansaço mental.

Adormeci.

Adormeci e sonhei que uma infinita plantação de lírios separava-me do Pe. Jonathan que, do outro lado, estendia-me as mãos. Seus braços tornavam-se imensamente compridos, tentando tocar-me. Minhas mãos também tentavam tocar as dele e não conseguiam. Quando procurava dar passos, a fim de atravessar para o outro lado, meus pés afundavam-se em um atoleiro. Toda a enorme plantação de lírios estava sobre um pântano. Pe. Jonathan dizia: "Venha, que do lado de cá é melhor! Venha, Marine, comigo! Tudo aí é tão triste..." E seus braços tomavam uma dimensão terrivelmente grande, a fim de me puxarem. Mas, não conseguimos. Acordei.

Graças a Deus, foi apenas um sonho, pensei. Todavia, não consegui mais dormir. Lembrei-me do internato, da Escola Normal, das Irmãs e colegas, da cidade de N.P. e do Pe. Jonathan.

O dia seguinte, primeiro de junho de 1972, era dia santo, dia de "Corpus Christi". Marcinho ia fechar o armazém para irmos à procissão. Kildary e eu estávamos prontos, à sua espera. Fui ao armazém, a fim de avisar ao meu marido que estava na hora de fechar o comércio. Quando fui voltando para dentro de casa, Marcinho chamou-me pelo nome. Virei-me. Entretanto, a voz que eu ouvira era a do Pe. Jonathan e não a do Marcinho.

Entre em casa. Mal, porém, fechei a porta, Marcinho, que estava ouvindo um programa da Rádio Guarani, saiu à rua e chamou-me. Voltei ao armazém.

— Como era mesmo o nome daquele Padre, seu amigo? — perguntou-me, desligando o rádio.

— Pe. Jonathan — respondi.

— Ele acabou de falecer em um Pronto Socorro de B.H. Foi vítima de

um acidente de carro na Avenida Amazonina. Seu estado piorou de ontem para hoje, vindo a falecer.

Descrever aqui o que, naquele momento, senti, não é fácil e nem sairá com precisão. Apenas sei que o nó na garganta não segurou as lágrimas que foram tão doridas... Entrei para o quarto e chorei amargamente. Marcinho que me perdoasse, pois eu precisava chorar! Chorar pelo maior amigo que tive! Chorar de saudade, chorar de dor pela perda, chorar de remorsos, por mais não ter entrado em contato com ele. Oh! Meu Deus! Por que o levaste? Ele não conheceu minha casa... Não conheceu meu filho... Nem ficou sabendo se me casei, ou não...

O remorso machucava-me muito. Fui à procissão e minhas preces durante todo o trajeto foram as lágrimas, que ninguém entendia...

A dor maior foi ao ouvir a banda de música tocando músicas eucarísticas. Pe. Jonathan gostava tanto desses movimentos populares de cantos, procissões e bandas de música!

O tempo foi passando... A dor pela perda dos entes queridos não morre... O tempo apenas mostra que a vida continua e que ficar chorando nunca fez um morto voltar. Mas eu nunca havia me conformado com a morte de Pe. Jonathan. Passei a pedir a Deus que ele me aparecesse, caso existisse mesmo alma depois da morte. Todas as noites rezava e ficava em uma atitude penetrada, de esperança, pensando que Pe. Jonathan fosse surgir ali, perto de mim, a me falar, a me ouvir...

Ficamos durante dois anos em S.N.

Marcinho, em 1973, comprou um depósito de pães na cidade de Oliva e fomos para lá. Alugamos uma pequena casa em uma boa rua, no centro. Curava eu, então, a Faculdade na cidade de L. Fazia Pedagogia. Apesar de não sentir grande simpatia pelo curso, sentia eu, necessidade do mesmo, para que um dia pudesse me desempenhar melhor em um cargo no campo educacional.

Em 1974, o professor de Psicologia marcou um trabalho para avaliação, sobre qualquer obra e qualquer tema, dentro da Psicologia.

Estive em J.S. a fim de fazer uma visita aos meus familiares e vi em uma livraria um livro marrom. Era "Parapsicologia" - de R. Amadou. Comprei-o para fazer o meu trabalho.

Apreciei muito o assunto sobre parapsicologia. As experiências de J.B. Rhine e de Richet, o caso das irmãs Fox, tudo despertou em mim um grande interesse. Apesar de ser uma pessoa profundamente espiritualista, não passei daí. Fiquei somente no trabalho da Faculdade.

Continuava pedindo que Pe. Jonathan aparecesse. Um dia duas vezes ape-